



A EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE TEATRO COM COMUNIDADE EM TEMPOS PANDÊMICOS

CARLA SILVA ARAÚJO¹; VANESSA CALDEIRA LEITE²; ANDRISA KEMEL ZANELLA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – carla54araajo@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – vanessa.leite@ufpel.edu.br*

³*Universidade Federal de Pelotas – andrisakz@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Ensinar teatro em tempos de pandemia não é uma tarefa fácil, visto que o fazer teatral pressupõe a presença. Conceber um quadro abstrato em que o ator represente para a sala vazia, realizando-se no prazer solitário, talvez seja a maior contrafação da ideia de teatro. (MAGALDI, 1968). O autor nos aponta que fazer teatro para si, em solidão completa, é como uma incoerência com o significado da ação teatral. Nos tempos de hoje, com a internet, nos é possibilitado uma solidão compartilhada. Como astronautas no espaço, se comunicando através das rádios, a internet possibilita que a nossa imagem e voz seja transmitida para os mais diversos lugares do planeta. A grande contradição é o fazer teatro e ensinar teatro para uma tela, sem a interação presencial que caracteriza a ação teatral. Tendo isso em vista, os professores e artistas tiveram que se adaptar às circunstâncias e suas limitações. Como entender a cena teatral se o que media o entendimento neste caso é a tela? (MATOS, 2020). Talvez a discussão principal agora não seja definir “isso é teatro?”, “teatro online é teatro?”, e sim “como iremos fazer teatro diante dessa realidade de isolamento social”? Porque não se trata de uma substituição em que o teatro presencial está ameaçado por conta das tecnologias avançadas (ainda não chegamos neste ponto), mas sim de adaptação ao contexto atual em que a presença física de muitas pessoas juntas se apresenta como um risco de contaminação.

Quando as professoras da disciplina de Estágio 3, do curso de Teatro Licenciatura da UFPel, trouxeram o desafio para a turma efetuar o estágio virtualmente, o grupo buscou alternativas e estratégias de como tornar isso possível. Nesse processo emaranhado de trocas constantes com informações, questionamentos e experiências, surgiu o meu projeto de Estágio. A comunidade escolhida foi o grupo de alunos do ensino fundamental que fazem parte do “Projeto de Extensão Vivências Teatrais em Escolas”, na EMEF Getúlio Vargas, em Pedro Osório, em parceria com a UFPel. A escolha se deu por ser um grupo do qual eu já tenho familiaridade, atuando como oficineira e bolsista desde o ano de 2019.

O estágio 3 é praticado em comunidade. NOGUEIRA (2007) aponta três possibilidades ao conceitualizar teatro de comunidade. Teatro **para** comunidade, que seria o teatro feito por agentes externos trazendo soluções a partir do olhar de fora para problemáticas da comunidade, através da ação teatral. Teatro **com** comunidade, em que os agentes trabalham conjuntamente com a comunidade na criação de material e soluções. E teatro **por** comunidade, onde a comunidade se apropria da linguagem e coloca em cena as suas próprias problemáticas.



O trabalho desenvolvido com o projeto “Vivências Teatrais em Escolas” pode ser caracterizado como “teatro com comunidade”. Os oficineiros, estudantes de Pelotas, migram para Pedro Osório e em conjunto com o grupo de alunos buscam desenvolver um trabalho que desde 2017 se fundamenta na prática dos jogos teatrais desenvolvido por SPOLIN (1965), contextualizando com a realidade social do grupo, da escola e município. Em 2019, por exemplo, foi criado o “Experimento Água”, fruto da pesquisa coletiva de memórias dos habitantes da cidade e da improvisação do grupo a partir desses relatos.

2. METODOLOGIA

Levando em consideração a impossibilidade de se trabalhar com as oficinas do mesmo modo como acontecia presencialmente, decidi trabalhar com a criação de um material teórico em formato de vídeo, com o qual o grupo poderia aprender mais sobre os elementos da linguagem teatral, à distância, e participar de forma online, caso houvesse a possibilidade de acesso aos meios. Os vídeos foram divididos em cinco etapas: Apresentação da proposta de trabalho, Jogos Teatrais, Cenografia, Dramaturgia, Figurino e Maquiagem. E todos eles, além do conteúdo explicando sobre o tema da semana, continham exemplos de quando e como esses elementos foram utilizados durante as oficinas presenciais, através de fotos, vídeos e memórias do grupo. Os encontros aconteceram uma vez por semana, nas quartas-feiras, turno da tarde, através do aplicativo WhatsApp. O primeiro contato foi feito através de um vídeo de apresentação e explicação de como o semestre funcionaria no formato online. Todos os vídeos sobre as linguagens teatrais apresentaram explicação teórica do tema e registros dos grupos utilizando cada linguagem durante as oficinas. A conceitualização das práticas utilizadas teve como objetivo fazer com que o grupo tivesse uma noção de onde surgiram as técnicas e reconhecesse essas práticas através dos registros dos seus próprios corpos em processo de jogo. A partir disso, a proposta buscou ampliar o repertório do grupo, visto que muitos estudantes possuíam uma noção resumida do que é teatro.

O segundo vídeo foi sobre os Jogos Teatrais, com autores como Peter Slade, Olga Reverbel e Viola Spolin. Visto que durante o período de vigência do projeto, os jogos teatrais foram a base do processo, o princípio da metodologia foi abordado nos outros vídeos, com as premissas do **quem, onde e o que**. Base para os jogos teatrais, em que regras e limitações possibilitam o grupo a improvisar e criar possibilidades de explorar a linguagem teatral. (SPOLIN, 2010). Foi pedido uma atividade de retorno para que os alunos experimentassem os jogos teatrais dentro de casa, com as limitações existentes. O/a aluno/a deveria escrever três espaços da casa num papel e sortear. Ele/a, então, utilizaria o espaço sorteado para criar uma imagem com o corpo que representasse aquele espaço para depois compartilhar com o grupo.

O terceiro vídeo sobre Cenografia e o exercício proposto foi que eles criassem um cenário com os elementos que eles possuíssem em casa, por exemplo: tecidos, roupas, galhos de árvore, vassoura, papel. No final do vídeo dei a indicação para que os alunos que desejassesem participar escrevessem a palavra “UEPA” no grupo de WhatsApp para que eu enviasse uma palavra (**onde**) para cada um em mensagem privada. A palavra era a indicação que eles utilizariam para criar o cenário. Por exemplo: restaurante. Então, o estudante iria criar elementos e construir um cenário que representasse um restaurante com os elementos que tivessem em casa.



No vídeo de Dramaturgia a proposta era criar uma história a partir de diálogos cortados escutados. Seja falas dos familiares, falas de jornal ou novela. Eles coletariam informações do ambiente para tentar construir um pequeno diálogo (**o que**) entre dois personagens.

O quinto vídeo sobre Figurino e Maquiagem trabalhei com a ideia de estímulos para a criação de figurino e maquiagem, que poderiam ser desde emoções, palavras e personagens (**quem**), como: madame, frio, idosa, tristeza carpinteiro. Falei mais sobre as possibilidades que o figurino e a maquiagem geram. Demonstrando como um mesmo acessório pode trazer simbologias diferentes. Utilizei um lenço e me transformei ou carreguei signos de santa, muçulmana, ninja, uma pessoa do ocidente. Isso para demonstrar como um mesmo elemento pode trazer diferentes pessoas a partir da forma criativa de sua utilização.

Os três primeiros vídeos foram gravados pelo celular e editados no programa VSDC e aplicativo InShot. Foi utilizado de figurinhas e efeitos de som para deixar os vídeos mais dinâmicos. O último vídeo de “Figurino e Maquiagem” foi gravado pelo notebook através da plataforma Zoom, sem edições.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atravessar esse terreno desconhecido das incertezas de quanto tempo ficaremos confinados, do quão seguros estamos nós e os nossos entes e as outras centenas de perguntas e limitações que envolvem a humanidade neste momento, não está sendo fácil. Na área teatral, nessa micro iniciativa, também não haveria de ser diferente. O projeto seguiu como planejado, com algumas adaptações, porém, não houve o encontro, a troca. O grupo se apresentou interessado num primeiro momento, com algumas esporádicas aparições, mas não houve persistência.

Ao notar a falta de devolutivas, optei, a partir da orientação das professoras, por outras alternativas, como um encontro virtual numa sala do Facebook ou Meet. Alguns alunos disseram que iriam comparecer, porém também não se efetivou. A outra tentativa foi através do JamBoard, uma plataforma do Google que apresenta um quadro branco com possibilidade de desenhar, escrever, colocar fotos e etc. A proposta era que o grupo expressasse através desse meio como estava o corpo deles durante o período da quarentena, mas novamente não houve o retorno.

As razões para a ausência do grupo podem vir de vários lugares, desde as dificuldades inerentes à quarentena ao desinteresse pelo material ou justificativa de que teatro online não é a mesma coisa (depoimento de uma das integrantes numa conversa informal). Descobrir as razões exige uma investigação mais aprofundada, para compreender o que funciona e o que não funciona no universo online. MATOS (2020) afirma que seguimos separados pelas telas, seguimos buscando maneiras de chegar aos estudantes que ainda não chegamos, de criar novos materiais que mantenham o interesse daqueles que já estão conosco.

4. CONCLUSÕES

Propiciar um espaço de teatro de forma virtual certamente foi um desafio. Sentimentos de frustração, cansaço, desânimo e falta de sentido perpassam o meu corpo diversas vezes durante esse processo. Principalmente pela falta de



interação com o grupo. Em diversos momentos notei o estranhamento ao dar aula e não ter a troca, o olho no olho e até as risadinhas e bagunça durante as oficinas. A presença não pode ser substituída pela tela, pelas mensagens de WhatsApp e aulas síncronas no Zoom. São medidas paliativas para lidar com a crise sanitária em que estamos passando.

Alguns caminhos possíveis, sejam individuais, grupos específicos, projetos, iniciativas e coletivos, resistem espalhando uma noção de mundo mais integrada em contraposição aos valores da nossa sociedade consumista, narcisista, competitiva e destrutiva do qual estamos mergulhados. A atenção deve ser constante para desconstruir esses valores arraigados em nossos pensamentos e ações. Dessa forma é possível construir um mundo mais justo e ter consequências menos dramáticas como as que estamos vivendo.

O teatro em comunidade está atualizado com essas noções de mundo. Segundo ADAME (2017), desde uma perspectiva complexa e transdisciplinar a comunidade não é só o conjunto de indivíduos que compartilham um espaço geográfico e social. É a confluência entre o todo que constitui o indivíduo, a natureza e a sociedade. Portanto, ter consciência do quanto esses acontecimentos afetam o funcionamento de todas as partes da sociedade pode ser um fator essencial para mudança de perspectiva da humanidade, para uma perspectiva mais coletiva e ética.

Durante esse ano os profissionais da área teatral fizeram malabarismos para encontrar alternativas de como lidar com o teatro de forma virtual, exercendo criatividade, colaboração mútua entre os grupos, paciência, resiliência, adaptação e resistência. O que para nós da área já é algo intrínseco e é o que valorizo no teatro, a capacidade de reinvenção e de resistir nos piores cenários. Que continuemos com essa força pra espalhar a semente transformadora do teatro pelo mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAME, D. Teatro Comunitário no Séc. XXI para o reencantamento do mundo. In: **EIRPAC ENCONTRO INTERNACIONAL DE REFLEXÃO SOBRE PRÁTICAS ARTÍSTICAS COMUNITÁRIAS.** Porto, 2015. Práticas Artísticas Comunitárias. Porto: PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural; CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora; FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2015. p. 27.

MAGALDI, S.M. GARBUGLIO, J.C. Iniciação ao Teatro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.5, p. 137-138, 1968.

MATOS, L. T. Pandemia e educação na escola pública: um relato possível e incompleto. **Revista NUPEART**, v.24, p. 94-103, 2020.

NOGUEIRA, M. P. Tentando definir o teatro da comunidade. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 077-081, 2019.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na Sala de Aula: um manual para o professor.** São Paulo: Perspectiva, 2010.